

AFROGÊNESE NO ENSINO DE ESPANHOL: VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E IDENTITÁRIAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UFRRJ/IM

Melissa Oliveira de Araújo ¹
Viviane Conceição Antunes ²

A educação é considerada uma das bases fundamentais para uma convivência justa na sociedade. Apesar disso, o ambiente escolar, ainda é concebido como um espaço de manutenção do racismo estrutural; observa a diversidade, mas, na grande maioria das vezes, não consegue lidar com ela. É de extrema urgência destituir as práticas racistas nas relações interpessoais, no cotidiano, nas instituições: "o racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade". (ALMEIDA, 2019, p.20).

Trata-se de um projeto de dominação fundamentado e mantido pela branquitude (BENTO, 2022). Inferiorizar e excluir as pessoas por causa da pele, crenças e simbologias é algo tão naturalizado que atitudes discriminatórias são efetivadas e reproduzidas, independente da idade. Assumir que ações discriminatórias contra pessoas negras são grandes obstáculos para o pertencimento identitário do(a)s brasileiro(a)s é indispensável para que se proponha a pedagogia antirracista nas escolas e nas universidades (MIRANDA, 2018).

Desse modo, este trabalho, objetiva apresentar como essa reflexão, indispensável à promoção da vida, se fez e se faz presente no Projeto de Residência Pedagógica (PRP), mais especificamente no subprojeto "Afro-brasilidade e afro-hispanismo na escola: rotas para uma pedagogia antirracista (UFRRJ/IM), sob a orientação dos Profs. Drs. Viviane Antunes e Rafael Lázaro. Faremos menção a vivências didático-pedagógicas, experienciadas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, supervisionadas pela Profa. Daniele Pereira, no componente curricular Espanhol, do Colégio Estadual São Jorge. Este se localiza na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, Rio de Janeiro), onde se encontra um dos campus de nossa universidade.

Este relato de experiência, de caráter qualitativo, almeja apresentar o conceito de afrogênese (WALKER, 2018) como via de decolonialidade (WALSH, 2019). A afrogênese é o

¹ Graduanda do Curso de Letras/Português/Espanhol/Literaturas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, oliveiramelcontato@gmail.com;

² Professora Orientadora e co-autora: Doutora, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, vivianecantunes.ufrj@gmail.com.

conjunto de símbolos, conhecimentos, tecnologias, referências culturais que nos perfilam como um grupo étnico, cujas semelhanças e aproximações se destacam na afro-diáspora global. Romper com o racismo significa quebrar uma das maiores ferramentas de colonialidade, responsável por oprimir e tirar a vida de um número incontável de pessoas ao longo de séculos. Neste sentido, estratégias de resistência precisam estar vinculadas a uma construção ética, crítica e social, dentro e fora dos muros escolares. Para tal, o letramento racial crítico se faz indispensável na formação de professores. Configura-se, portanto, como eixo de valorização e potencialização de identidades (FERREIRA e GOMES, 2019). Reconhecer-se, ampliar os conhecimentos afrogênicos, abrindo espaço para a episteme negra nas dependências da escola é fundamental, tanto para o aquilombamento como para a compreensão dos privilégios.

A construção da identidade de pessoas negras inicia-se a partir do (re)conhecimento de sua ancestralidade. Unir-se à diáspora e compreender sua história torna possível o estabelecimento de vínculos e resistência para cobrar seus direitos através da arte, dos saberes, da música, dos poemas, das pinturas, entre outras formas. Reconhecer que pouco (ou nada) se conhece sobre sua história e reestabelecer relações com nossa origem afro-brasileira viabilizam a conexão com nossas origens: "a imprescindibilidade de uma reflexão aprofundada , [...] sobre o racismo historiográfico, a invisibilização das populações e suas lutas, os mitos de inferioridade e corrupção ao longo da história, a busca de direitos e as diferentes formas de protagonismo e resistência." (WALKER, 2018, apud. ANTUNES, 2022)

Auxiliar nossos estudantes nesse processo de reconexão com a história da sua ancestralidade é de suma importância para que valorizem sua própria identidade, sem a influência do juízo de valor e explorações fundamentados pela branquitude. Diante disso, as atividades de nosso projeto são pensadas em concordância com os materiais teóricos e a lei 10.639/2003 (11.645/2008), que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. As práticas pedagógicas levam os alunos a refletirem não apenas sobre a formação de suas identidades em relação a etnia, mas também como latino-americanos.

A partir disso, as atividades foram propostas para a turma em formato de oficinas e debates. Os debates ocorreram através da análise crítica e comparativa da música "*Eu sou*", *WD*, e do poema "*me gritaron negra*", Victoria Santa Cruz; enquanto a oficina sobre *la mujer negra latina y caribeña*, foi elaborada para colaborar com a crítica interseccional, reposicionando a mulher negra em lugar de protagonismo. A oficina foi pensada não apenas pela celebração do dia internacional da Mulher negra, latino-americana e caribenha no mês de

julho, mas também para trabalhar temáticas como racismo genderizado, a busca pela superação após violências e lutas por seus direitos.

Intitulada *Latinidad, afro latinidad y el día 25/07 - Día de la mujer negra, latinoamericana y caribeña*, a oficina teve como objetivo verificar o que os alunos entendiam por América Latina, fazê-los perceber como os latino-americanos são representados, que o Brasil faz parte da América Latina e reconhecer e/ou conceber criticamente a representatividade afro feminina. Ademais de assimilar como a interseccionalidade raça, gênero e classe ainda é muito latente no que entendemos por representatividade. Buscou-se compreender o que está presente no inventário desses alunos em relação ao tema. Questionamentos sobre o conhecimento dos alunos acerca de algumas personalidades como Marielle Franco, por exemplo, foram abordados de modo a perceber como os estudantes lidavam com o eixo identidade e memória.

No desenvolvimento da competência leitora, mostrou-se em sala um vídeo sobre a Colonização da América Espanhola e o Mapa da América Latina. Nesse momento, mediou-se para os alunos um panorama geo-histórico da formação e constituição das Américas (Abya Yala); passando pela invasão e exploração sofrida pelos povos originários. Durante a explicação, a todo momento, optou-se por uma terminologia anti-hegemônica e evitou-se a utilização das palavras "descoberta" e "conquista". Também, nesse momento, alguns apontamentos panorâmicos foram feitos, como: quem faz parte da configuração "latinos"? Qual(is) característica(s) faz(em) com que o Brasil seja o único país da América Latina a falar português? Que personalidades latino-americanas conhecem e que relevância possuem na procura por construir um mundo equitativo? O foco dessa dinâmica na leitura foi verificar se houve alusão a personalidades negras e de classes periféricas com a finalidade de refletir um pouco mais sobre a configuração racial no Brasil em termos quantitativos e o percentual feminino da população, aplicando o letramento de racismo genderizado (KILOMBA, 2019).

A oficina teve um impacto tão grande no pensamento racial crítico deles que, segundo a professora responsável pela turma e preceptora no Projeto Residência Pedagógica, Daniele Pereira, os alunos ainda discutiam e levantavam reflexões sobre a oficina oferecida, bem depois de sua aplicação. Destaca-se então, mais uma vez, a importância de se propor atividades ancoradas no desenvolvimento da afro-gênese, desde uma perspectiva antirracista, na sala de aula, para o aumento de sua autoestima, revisão de atitudes e valorização de identidade. Muitos profissionais na escola não percebem que a perpetuação e naturalização dos preconceitos raciais afetam a maneira como eles se enxergam como indivíduo e que sua autoestima fica extremamente baixa, causando-lhe insegurança (FANON, 2008).

As pautas raciais têm ganhado cada vez mais visibilidade em trabalhos científicos e meios de comunicação, contudo, evidenciar essas questões sem uma discussão ancorada em estudos e práticas efetivas não minimiza a problemática que envolve as relações étnico-raciais em nosso país. O resgate das raízes africanas e o conhecimento de nossas histórias fundamentam o pertencimento identitário. A representatividade precisa se fazer presente nas escolhas geográficas, culturais, imagéticas, textuais... nestas, o empoderamento negro precisa ser uma rotina.

Na UFRRJ, aprende-se e discute-se sobre a perspectiva antirracista, ainda que com apenas três professores no curso de Letras. Entretanto, menores ainda são as oportunidades de evidenciá-las nas práticas escolares. Os estágios obrigatórios são de caráter observatório, o que diminui as oportunidades de uma formação profissional que dê mais relevo ao tema em questão. Em contrapartida, através de projetos como o Residência Pedagógica, os bolsistas e voluntários aprovados planejam atividades ancoradas nos conteúdos pesquisados, desenvolvem planejamento e aplicam, na turma pela qual estão responsáveis, atividades de regência com o auxílio da professora preceptora e dos professores orientadores. Além de disseminar conteúdos dinâmicos e pautados no viés intercultural crítico, decolonial, visando auxiliar no movimento afrogênico dos alunos e a ampliar um pensamento crítico e antirracista, atrelado ao ensino de uma língua estrangeira, mais especificamente, o Espanhol.

Refletir e propor atividades fundamentadas no letramento racial crítico nas escolas permite que professores e alunos compreendam as questões raciais que atravessam seus próprios contextos de atuação e construção de discurso. A afrogênese, reconexão com sua ancestralidade e resgate de sua história, possibilita que revejam a própria identidade racial a partir de atividades que dêem relevo à subjetividade afro. Ao desenvolver essa consciência, os alunos, e até mesmo professores, passam a perceber a ausência de representatividade em cargos públicos, em materiais ou de relevância midiática e entender a relevância de se lutar por ela. Conforme dissemos, o racismo precisa ser combatido em todas as suas formas, pois é responsável por inúmeras desigualdades sociais. Ser antirracista significa ser capaz de promover vida.

A construção do *eu* pode (e deve) atravessar o ensino-aprendizagem de um novo idioma e, principalmente, a cosmovisão de seus falantes. A comunidade docente deve ter um olhar atento e sensível para as questões de pertencimento identitário, seja ele social ou individual, e como elas afetam o modo como os alunos se relacionam. O espanhol é uma língua que chegou aos latino-americanos de forma imposta e colonial, entretanto, cabe aos docentes, propor novas maneiras de conceber a latinidade desde um viés antirracista. Os

resultados de nossas atividades na escola mencionada nos levam a reconhecer de que forma o racismo estrutural dificulta o pertencimento identitário e como nossas práticas, no âmbito do ensino de línguas, facilitam o processo de ruptura de colonialidades. Também evidencia a urgência em se inserir e debater o racismo no ambiente escolar, como promoção de equidade em seu sentido mais amplo.

Palavras-chave: Decolonialidade; Afrogênese; Pertencimento Identitário; Ensino de Espanhol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por me proporcionar perseverança, saúde e forças para chegar até o final. Sou grata à minha família, em especial minha mãe, por todo apoio que sempre tive durante toda a minha vida. Deixo um agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Viviane Antunes, professora orientadora do projeto, pelo incentivo, dedicação do seu escasso tempo e aceitar embarcar comigo nessa aventura que foi escrever esse relato. Também deixo meu agradecimento ao PET- Conexões Baixada - liderado pela Prof^a. Dr^a. Fernanda Felisberto - por todo suporte e conhecimento que o grupo me proporcionou (e ainda proporciona), ao pesquisarmos e debatermos os problemas presentes nas pautas das relações étnico-raciais e por serem o primeiro contato que tive com um grupo de pesquisa que dissemina conhecimento e aquilombamento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.
- ANTUNES, Viviane Conceição. Resenha: WALKER, Sheila S. Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias. Trad. Viviane Conceição Antunes. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 22, n. 4, p. 211-217, 2022.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, A. de J.; GOMES, C. M. L. **Letramento racial crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia**. UNILETRAS, Ponta Grossa, V. 41. N. 1, p. 123-127, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- WALSH, C. **Gritos, gretas e sementeiras de vida: Entretecedores do pedagógico e do colonial**. In S. R. M. Souza, & L. C. Santos (Org.), *Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular*. p. 93-120. Salvador: EDUFBA, 2019.